Ano XI — Lisboa, Agosto de 1955 — N.º 124

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

NÚMERO AVULSO 1$50

Assinaturas { De 12 números 10$00 / De 6 números 9$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
AJUDA — LISBOA
TELEFONES:
Red. 636607 — Admin. 638849

COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

PADRÃO ESCOTEIRO



Em face da tendência tão natural no homem de procurar imprimir nas doutrinas e sistemas que adopta traços da sua própria personalidade, procurando afeiçoar à sua mentalidade as correntes ideológicas, torna-se muito necessária a existência de padrões por onde se possa aferir a pureza e integridade das ideias, para que estas em degenerescência se não afastem tanto da origem que se tornem irreconhecíveis ou venham a produzir tantas versões quantas as influências pessoais que nelas se exercerem.

O Escotismo não está livre deste perigo. Movimento nascido de uma alma grande e ansiosa por congregar a gente nova numa obra de cooperação e fraternidade de rapazes de credos e nacionalidades diferentes, apresenta bem vincado o carácter generoso e tolerante — diremos melhor compreensivo — do seu Fundador, tão bem resumido nestas suas palavras: «*O fim do Movimento é desenvolver a saúde e formar o carácter e, para que ele se desenvolva bastante, suscitar entre os seus membros o espírito de fraternidade sem atender às diferenças de nacionalidade, de religião ou de classe*».

Esta universalidade do escotismo faz a sua beleza. Cabem nele todos os rapazes e sòmente lhes é exigido, como pontos cardeais da vida escoteira, o cumprimento dos princípios estabelecidos no Compromisso de Honra e na Lei e que, em resumo, afirmam que o Escoteiro ama a Deus e a Pátria, auxilia o próximo em todas as circunstâncias, é digno de confiança, é leal, é irmão de todos os outros escoteiros, protege as plantas e os animais, é puro no pensamento, nas palavras e nas acções.

Aceites estas bases, as portas do Movimento abrem-se a todos os rapazes e, nas associações femininas, a todas as raparigas. A política não é matéria de interesse escoteiro. O Escotismo visa a desenvolver o espírito cívico, o amor da Pátria, mas, como B.-P. esclarece, «*o nosso Movimento não é de maneira nenhuma militante, não faz política. Aceita crianças sem se preocupar com as tendências políticas dos pais*». A estas ideias mestras deveríamos acrescentar ainda outras que se referem à condição de que o Escotismo seja sempre *um voluntariado, uma fraternidade do ar livre, um jogo alegre*, conjunto de princípios que constituem o padrão escoteiro a que é imprescindível ser fiel para manter íntegra a doutrina e ter direito a usar o nome de escoteiro.

Reconheçamos que para certas mentalidades *espartilhadas* resulta difícil a adaptação a normas tão amplas e generosas. Há quem adore os meios de acção utilizados pelo Escotismo, a vida ao ar livre, os jogos; quem se deixe cativar pelo cerimonial, impressionar pela mística, mas considere intolerável o facto de conviver em franca camaradagem, lado a lado, com outro cuja maneira de pensar se afaste das crenças que rígida e estreitamente professa. O Escotismo é muito interessante, mas julgam que deve ser vivido, num círculo fechado, só por aqueles que lêem pelo mesmo catecismo. É por esta razão que tantas vezes o Escotismo não atinge suficiente amplitude, vive asfixiado, e chega mesmo a ser proscrito naqueles meios e até países onde a intolerância e o ódio estabelecem arraiais.

Esta proscrição, contudo, honra o Escotismo, enquanto o desvio das suas bases fundamentais o prejudica, porque atinge a sua integridade e provoca a sua degenerescência.

(Conclui na 2.ª página)

150 Escoteiros de Lisboa visitam a Região do Algarve

Nos dias 14 e 15 do corrente, 150 escoteiros de Lisboa visitam Vila Real de Santo António e tomam parte no Acampamento Regional do Algarve promovido pelos grupos 6, 60 e 77. Comemora-se também o 30.º aniversário da fundação do Grupo n.º 60 daquela localidade.

Os Escoteiros de Lisboa, que viajam numa carruagem especial, partem da estação da Praça do Comércio, Sul e Sueste, no sábado dia 13, às 7.45 h. da manhã e regressam a Lisboa na terça-feira, cerca das 8 da manhã.

O Escoteiro-Chefe-Geral Adjunto sr. Luís Grau Tovar de Lemos, que organizou superiormente esta visita, acompanha o contingente, tendo confiado a sua chefia ao Escoteiro-Chefe do Grupo 53, sr. Armando Lino.

Tomam parte nesta visita muitos chefes dos grupos de Lisboa, o sr. Joaquim Amâncio Salgueiro Jr., que organizou no Algarve o primeiro grupo de escoteiros, e o sr. W. Karl, que vai fazer a respectiva reportagem fotográfica. O «Sempre Pronto» será representado pelo seu Administrador, o nosso camarada Capitolino Ferreira Macedo.

Esta visita dos escoteiros de Lisboa aos seus camaradas do Algarve foi uma iniciativa feliz dos Serviços Centrais da A. E. P. A Região do Algarve bem merece esta prova de simpatia. É a Região do país onde o Escotismo, depois de Lisboa, mais desenvolvimento tem. Há 10 anos, quando o «Sempre Pronto» iniciou a sua publicação, os grupos do Algarve estavam isolados, quase ignorando a existência de Escotismo nos outros pontos do país. Os grupos do Algarve, porém, esquecidos, sem apoio, mantiveram sempre a actividade e, embora outros grupos tenham desaparecido,

(Conclui na 2.ª página)

PELOS GRUPOS

Grupo n.º 93 — Sintra

Em 25 de Junho passado, este grupo comemorou o 21.º aniversário da sua fundação, tendo realizado à noite uma reunião comemorativa, a que assistiram, além dos seus escoteiros, as suas famílias e antigos escoteiros.

No dia 17 de Julho findo, o grupo promoveu uma romagem de saudade às campas dos antigos membros da sua Direcção Srs. Dr. Jacinto Correia e Joaquim Maria Garcia Cunha, e os escoteiros Joaquim Filipe e José Bagio Gregório, bem como uma missa por intenção dos escoteiros falecidos.

Na tarde desse dia, os escoteiros visitaram a cadeia local, oferecendo aos reclusos tabaco e bolos.

Grupo Pedro Álvares Cabral — Lisboa

No dia 14 de Julho passado, no salão de festas da sua sede na Rua de Febo Moniz, este grupo promoveu um festa, que decorreu com brilho e teve boa assistência. Os escoteiros do grupo apresentaram uma peça escotista, um grupo de meninas da União da Juventude Presbiteriana um interessante programa de variedades, tendo colaborado as Guias do Grupo «Rainha D. Leonor», que apresentaram uma engraçada comédia. A festa terminou com uma representação de um fogo de conselho pelos escoteiros.

Grupo n.º 84 — Entroncamento

Este Grupo acampou nos arredores da Vila em 9 e 10 de Julho passado e voltou a acampar no dia 24, acampamento que decorreu com muita animação.

Neste mesmo dia, a Banda do Grupo deu um novo concerto no Jardim-Parque, escutado por assistência numerosa, que muito o aplaudiu.

Grupo n.º 7 — Lisboa

Para comemorar o 41.º aniversário deste Grupo, realizou-se na sede dos Bombeiros Voluntários Lisbonenses, a que está anexo, uma sessão com a presença dos srs. presidentes e comandante da referida corporação, do antigo chefe José Rodrigues, Frederico Pereira Jardim, e Henrique de Azevedo, em representação dos Serviços Centrais. Estavam também representados os grupos 1, 2, 10, 53, 79, 85 e 99 e o Grupo de Guias de Portugal «Rainha D. Leonor».

Foi descerrada uma fotografia do chefe José Rodrigues e apresentadas saudações ao grupo.

150 Escoteiros de Lisboa visitam a Região do Algarve

(Conclusão da 1.ª página)

o 6, o 60 e o 77 resistiram a todas as crises, prestigiando o Movimento.

Possa esta visita contribuir para reacender a chama escotista em Tavira, Portimão, Loulé e outras cidades mais. A nomeação de um Delegado dos Serviços Centrais e de um Chefe Regional para aquela Região seria medida que muito poderia contribuir para atingir este objectivo e consolidar ainda mais o prestígio das três unidades existentes.

Daqui lançamos este apelo à Direcção Central, certos de que ela não deixará de o considerar.

PADRÃO ESCOTEIRO

(Conclusão da 1.ª página)

Convém, pois, fixar para nossa boa orientação que o Escotismo não se afirma afecto a determinada religião. Sem dúvida que é de inspiração cristã no seu mais alto sentido, mas não é exclusivo de uma Igreja. Como B.-P. previne «*uma organização como a nossa seria imperfeita no seu fim se não procurasse dar aos seus membros o confiecimento de Deus*», todavia, este princípio não invalida o carácter amplo do Movimento destinado a rapazes de todos os credos e classes.

É também conveniente frisar que a actividade de um grupo ou de uma associação se não deve caracterizar por actos religiosos. É certo que o sentimento religioso deve inspirar toda a vida escoteira, mas, como nos recomenda o Padre Jacques Sevin, devemos saber que «*estamos em presença de uma obra de educação e não de piedade, e se o Escotismo tomasse ao mesmo tempo a religião como uma base e um fim, equivaleria a fazê-lo aparecer como um movimento análogo ao Exército de Salvação*», transformando-se assim numa organização de natureza e fins denominacionais.

Certamente não nos parece que a existência de associações escoteiras de carácter confessional prejudique irremediàvelmente estes princípios, muito embora o mais alto padrão escoteiro seja aquele que reuna numa só associação grupos e escoteiros de diferentes crenças religiosas. Embora seja esta a norma que presentemente orienta a filiação de associações escoteiras nacionais, reconhecemos que a presença de associações confessionais pode tornar-se, em certos casos, uma necessidade. Para que exista uma só associação é imperioso que os seus quadros dirigentes respeitem e aceitem, num pé de igualdade, todas as crenças representadas no Movimento e nunca procedam como se uma só fosse a religião de todos os escoteiros. Se, porventura, numa associação se estabelecessem diferenças baseadas em preconceitos religiosos, se se dificultasse a filiação de grupos de determinadas confissões, se se evitassem e preterissem escoteiros de minorias religiosas, ter-se-ia falseado o padrão escoteiro e estaria aberto o caminho para uma separação, que seria afinal um «mal necessário» para preservar a pureza do próprio Movimento.

Poderão, portanto, existir associações escoteiras confessionais, mas é indispensável que essa divisão orgânica não seja seguida de uma separação espiritual, não constitua nunca um meio de frustrar ou evitar a confraternização com escoteiros de outras crenças ou classes. Mas se se levantam barreiras à convivência entre escoteiros, se se procuram estabelecer designações e atributos diferentes, se se reconhece necessário agregar um adjectivo qualificativo que esclareça que se trata de «outro» Escotismo, então, já se avançou demasiado no caminho da degenerescência, abandonou-se o padrão, e surgiu outro Movimento, talvez mesmo cheio de virtudes e de coisas belas, mas não é Escotismo.

Precisamos, pois, de estar atentos à integridade do Padrão Escoteiro, sabendo que há um Movimento praticado por rapazes de diferentes nacionalidades, católicos e evangélicos, israelitas e muçulmanos ou outros, que esse movimento se chama ESCOTISMO, e que há um só Escotismo, aquele que Baden-Powell fundou e cujas bases estabeleceu com inexcedível clareza no seu «Escotismo para rapazes».

Esse é, afinal, o Escotismo praticado no Mundo por oito milhões de rapazes e raparigas, a que pertenceram já muitos outros milhões, e a que todos nós temos a honra de pertencer, seja qual for a nossa opinião, classe ou nacionalidade.



Escoteiros que tomaram parte no Acampamento Regional de Lisboa, realizado na Paiã em 23 e 24 de Julho findo.

(Foto W. Karl)

Os Deveres do Guia

1—Conheço todos os pontos fracos e fortes de todos os Escoteiros da minha Patrulha, ambições, vida doméstica e social?

2—Sei preparar e realizar Reuniões de Patrulha interessantes o bastante para que assistam todos e tranquilas o bastante para que os pais do individuo em casa de quem nos reunimos nos voltem a convidar?

3—Sei interessar os membros da minha Patrulha num contínuo progresso no plano do Progresso Escoteiro?

4—Sei dividir a organização da Patrulha de modo que cada Escoteiro tenha ocasião de ajudar a organização de reuniões, excursões, jogos, B. A., acostumando-se deste modo a dirigir?

5—Sei manejar todos os «cabeça dura» ou bons individuos pacientemente de modo que todos cheguem a ter o verdadeiro Espirito Escoteiro?

6—Sei manter a ideia da Boa Acção presente no ânimo dos meus companheiros de maneira que a sua prática chegue a ser um hábito?

7—Sei conseguir que os meus companheiros estejam orgulhosos da aparência, progresso, etc., da patrulha, de modo que o espírito desta seja forte e bom?

8—Sei planear uma excursão e conduzi-la de modo que o chefe do Grupo possa confirmar um dia a Patrulha sem a sua presença?

9—Posso justificar a confiança do Chefe de Grupo na colaboração, leal e inteligente, debaixo da sua direcção, para o seu desenvolvimento na totalidade do Grupo?

10—Finalmente: Posso fazer da minha vida escoteira um exemplo sem ostentação, que anime os meus companheiros de Patrulha a seguí-lo e merecendo, portanto, respeito e confiança?

De «Escultismo»—México (Abril e Maio)

• • o • •

Um problema difícil

A «Veado» estava a ser teatro de grandes acontecimentos. Todas as vezes que a patrulha reunia, discutia-se o assunto dos problemas que o Carlos e o João costumavam apresentar um ao outro. E certo é que todos se distraíam e se entusiasmavam com uma questão que a princípio parecia interessar só aqueles dois escoteiros.

Na semana passada, conforme tinha prometido, João trouxe um novo problema e apresentou-o:

—Desta vez é melhor tomares nota, porque o enunciado é um tanto extenso:

«Em Vila Nova do Rosal, uma povoação lá para o Norte, havia, numa das ruas, 4 estabelecimentos que eram também a residência dos seus proprietários, vizinhos uns dos outros. Eram exactamente nos números 9, 10, 11 e 12. Havia lá um merceeiro, um droguista, um retroseiro e um padeiro. Os comerciantes e as suas esposas chamavam-se por ordem alfabética, Alice, Álvaro, António, Fernando, Helena, João, Laura e Manuela, e o que pude saber a respeito deles é o seguinte:

1.º—Helena, para ir comprar pão, tem de atravessar a rua.

2.º—António tem uma questão com João sobre os limites da sua pequena propriedade.

3.º—Helena apanha malhas das meias de Laura, trabalho que esta pagará com o dinheiro de uns sabonetes que lhe vendeu.

4.º—O número da porta de Fernando só tem um algarismo e ele não é padeiro.

5.º—Diz-se que o merceeiro anda namoriscando a Alice.

6.º—António mora mais perto do princípio da rua que o merceeiro.

7.º—O droguista é amigo do Fernando.

«Adivinha agora, por meio destas indicações, qual a profissão de cada um deles, o nome da mulher e o número da porta onde vivem.

O Carlos parece que ficou atrapalhado. Esta adivinha é um verdadeiro quebra-cabeças, mas talvez seja mais fácil do que parece. Procurem os nossos amiguinhos descobrir a solução e ajudar Carlos, que prometeu ir tentar desatar o nó da meada. Os que o ajudarem receberão pequenas lembranças.

ESCOTISMO NA CAPITAL

Um acampamento de conjunto

Os grupos de Lisboa n.ºs 10, 53, 94 e Pedro Alvares Cabral, acamparam no sábado, dia 16 de Julho passado, no sítio da Senhora da Rocha, em Carnaxide. Embora o local não fosse suficientemente amplo para tão grande concentração, as patrulhas conseguiram dispor os seus campos de forma a participar no concurso que se desenvolveu a partir do toque de silêncio.

No sábado à noite, houve um breve fogo de conselho, e o programa desenvolveu-se metòdicamente logo após o toque de alvorada. Da parte da manhã, além dos trabalhos de instalação do campo e cozinhas, realizou-se um culto evangélico a que presidiu o Sr. José Luís Carreiro Júnior, que proferiu uma mensagem de profundo sentido cristão e muito apropriada para a mocidade escoteira.

Realizou-se depois um grande jogo, no qual participaram todas as patrulhas acampadas, tendo conseguido descobrir um «tesouro» a patrulha Bisão do grupo n.º 10, para o que teve de travar rija «luta» com as outras patrulhas concorrentes, seguir uma pista e decifrar uma mensagem.

De tarde houve um exercício de transmissões homográficas. Durante a festa de campo, foram comunicadas as classificações do concurso, que foram as seguintes:

1.ª—Águia, do 53.
2.ª—Veado, do 94.
3.ª—Cão, do 53.
4.ª - Águia, do 94.
5.ª—Leão, do 53.
6.ª—Bisão, do 10.
7.ª—Cão, do 94.
8.ª—Leão, do 10.
9.ª—Lobo, do Pedro A. Cabral.
10.ª—Leão, do » » »

Os grupos apresentaram interessantes números de canções, tendo-se notabilizado o Pedro Álvares Cabral. Para encerrar a festa, prestaram Compromisso de Honra os novos escoteiros António Amêndoa e José Lisboa, do grupo 94 e João Fernando Carvalho, do «Pedro Álvares Cabral».

Os caminheiros, embora não tenham tomado parte no concurso, estabeleceram também o seu acampamento no mesmo local.

Ao fim da tarde, os grupos regressaram às sedes, alegres por terem vivido um bom dia de acampamento.

• • o • •

O «SEMPRE PRONTO»
E A REVISTA «ALERTA!»
VENDEM-SE NA
TABACARIA BOA-HORA
Rua Nova do Almada, 46 — LISBOA

JAMBORI "NOVOS HORIZONTES"

O 8.º «Jambori Mundial», que se realiza no Canadá, em Niágara sobre o Lago, será inaugurado em 18 do corrente e encerrado no dia 28. Esta tão importante actividade do Escotismo promete constituir um grande acontecimento.

Estarão representados muitos países, mesmo dos pontos mais afastados do globo. Os Estados Unidos enviarão um contingente de 1.500 escoteiros, a França 800 a 1.000 escoteiros e, entre estes, algumas patrulhas de escoteiros do ramo de extensão, cegos, surdos e com deficiências físicas.

A Inglaterra, a Noruega, a Suécia, a Finlândia, a Dinamarca, a Holanda, a Bélgica e a Suíça enviarão contingentes e muitas outras associações nacionais se farão representar.

Pelo nosso aeroporto de Santa Maria têm passado já muitos escoteiros de diversas nacionalidades a caminho do Jambori do Canadá. Parece que a representação francesa será toda transportada em 17 aviões, que na sua maioria passará por aquele aeroporto.

Três chefes brasileiros, de S. Paulo, Charles Dowley, Hugo Vidal e Jan Stelkly, partiram de jipe num «Cruzeiro de Amizade», visitarão todos os países da América levando às respectivas associações as saudações dos Escoteiros do Brasil e irão ao Jambori; depois seguirão até à Costa Ocidental e regressarão ao Brasil fechando um circuito, cuja despesa está orçada em 200 mil cruzeiros.

* * *

O Chefe Léo Borges Fortes, membro do Conselho Interamericano de Escotismo, e dirigente escotista do Brasil, partiu do Rio de Janeiro em fins de Julho para os Estados Unidos, onde se encontra a frequentar o 181.º Curso Profissional para Escoteiros Chefes, de de onde seguirá para o Jambori, voltando novamente para os Estados Unidos onde irá participar noutros importantes trabalhos e noutro Curso.

O Coronel Fortes teve a gentileza de se prontificar a fazer a reportagem do Jambori para o «Sempre Pronto».

• • o • •

Contra o tabaco

Na sede da Sociedade Portuguesa de Naturalogia, na rua Vítor Cordon, 14 1.º, realiza-se na segunda-feira, dia 29 do corrente, às 21 horas, uma sessão contra o nocivo vício do fumo, na qual usarão da palavra os srs. Costa Cabral, Luciano Silva e António Cardoso.

Os escoteiros são especialmente convidados para esta reunião.

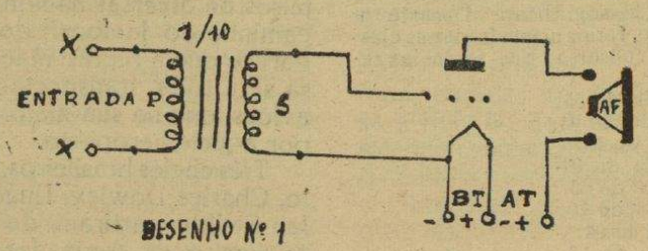
Vamos aprender Rádio!

A construção de um Amplificador

No passado número deste jornal publiquei as instruções necessárias para a construção dum bem modesto *Galena*.

Apesar dos grandes progressos por que tem passado a radiodifusão e dos vários tipos, marcas, etc. de aparelhos, ainda é grande o número daqueles que se dedicam a esta classe de aparelhos, os quais são chamados os galenistas.

São vários os factores que os levam a escolher este meio. Entre eles citarei da falta de recursos financeiros; há também aqueles que gostam de ouvir os seus programas preferidos por estes aparelhos, porque são de grande nitidez e isentos de ruídos, entre os quais os da rede eléctrica.



DESENHO Nº 1



Como estes aparelhos são de rendimento muito escasso e em geral só podem ser ouvidos por uma única pessoa ao mesmo tempo, acontece que, por vezes, as outras que assistem de parte à mímica e ao prazer manifestado pelo privilegiado na audição, sentem vontade de experimentar o mesmo, e daí vá de pedir ao dito, o favor de lhe passar os auscultadores e... nesta altura do programa que grande aborrecimento, que transformação se nota então no rosto do indivíduo em questão, da expressão prazenteira passa à carrancuda e mal humorada. Para acabar com estas arrelias, vou hoje apresentar um Amplificador para adaptar aos galenas, o que não sendo nada novo para os veteranos é ainda muito útil aos principiantes.

Este Amplificador é muito fácil de construir, conforme se verá pelo desenho n.º 1, é também acessível e de óptimos resultados.

Material necessário:

1 Transformador de relação.
1 Lâmpada Tríodo.
1 Altifalante tipo magnético.

Pilhas, bornes, fios para ligações etc.

Os sinais marcados com um X são indicação que devem ligar onde ligavam os auscultadores,

As lâmpadas a usar serão quaisquer das chamadas triodos, isto é compostas de três elementos, a saber Filamento, Placa e Grelha, que podem ser por exemplo as da Philips A 415, A 409, B 405, etc. ou as Americanas 30—1G4. As voltagens serão de acordo com o preciso para as respectivas lâmpadas, assim para os filamentos das Philips serão 4 voltes e para as 30 e 1G4 2 voltes e 1,5 respectivamente.

As voltagens de alta-tensão pòdem ser de 18 voltes para cima até ao limite exigido pelas lâmpadas a usar, mas 45 voltes é suficiente. Esta montagem pode ser executada numa prancha de madeira bem seca ou num pedaço de ebonite ou baquelite.

As letras B. T. querem dizer baixa tensão e servem para aquecer os filamentos. As letras A. T. querem dizer Alta Tensão e servem para fornecer a tensão anódica, isto é, alimentar o altifalante e placa da lâmpada.

N. B. — O sinal — (menos) de Alta Tensão liga com o sinal + (mais) de Baixa Tensão.

Por hoje nada mais senão desejar-vos uma boa caçada

TÉCNICO ARABE

ANTJULCUN NIOLIONHA

• • o • •

Coopere na campanha para mais assinaturas, remetendo à Redacção o nome de um novo assinante.

O 10.º Aniversário do "Sempre Pronto"

Revista «Alerta»

A revista «Alerta!», órgão oficial da União dos Escoteiros do Brasil, teve a amabilidade de se referir largamente às comemorações do 10.º aniversário do nosso jornal, publicando uma gravura da Exposição da Imprensa Escoteira.

A propósito do aniversário diz a revista «Alerta!»:

«Sempre Pronto», o veterano mensário escoteiro português, acaba de comemorar o seu 10.º aniversário de fundação. Surgido de um grupo de idealistas, sem o apoio da entidade oficial, sem recursos financeiros além dos que seus dirigentes possuiam e o apoio que pouco a pouco lhe foi chegando, «Sempre Pronto» constitui uma verdadeira página do escotismo-sacrifício, do escotismo que sabe arrancar a primeira sílaba da palavra «impossível». A história do Movimento Escoteiro em Portugal sempre incluirá, num capítulo especial, a grandiosa contribuição do «Sempre Pronto» e que, também, sempre será um marco, um farol, a mostrar o muito que se poder fazer, «Quando querer é poder».

Estas palavras tão amigas mostram a simpatia que os nossos camaradas da revista «Alerta!» têm pelo nosso trabalho e expressam o seu muito interesse pelo Escotismo Português, interesse e simpatia que merecem todo o nosso reconhecimento.

Na pessoa do seu Director, Chefe João Fernandes Brito, saudamos afectuosamente todos os que trabalham na revista «Alerta!», agradecendo as suas encorajantes palavras.

Revista «Escultismo»

Também esta revista, órgão oficial da «Associacion Scouts de Mexico», nos dirigiu no seu número de Abril-Maio palavras de felicitação pelo nosso aniversário, que muito agradecemos, retribuindo os gentis votos expressos.

• • o • •

PUBLICAÇÕES

Clube Nacional de Natação

O nosso estimado amigo sr. Gustavo Pereira da Costa, que é sócio fundador n.º 1 do Clube Nacional de Natação, acaba de publicar uma bem apresentada monografia em que é feito o «Esboço Histórico» desta simpática agremiação desportiva da capital.

E é bastante interessante para nós a leitura deste trabalho. Gustavo Pereira da Costa foi um dos mais antigos escoteiros do Grupo n.º 3, do Liceu Pedro Nunes, e ele, que foi o entusiasta e o batalhador pela organização e manutenção do «Nacional», afirma que foi no escotismo que encontrou o ambiente necessário para desenvolver a sua preferência pelas coisas da Natureza e o seu amor pelo mar. E a descrição que depois nos faz das lutas e canseiras para organizar e desenvolver o seu Clube, é bem a história de um grupo de escoteiros, com as mesmas dedicações, sacrifícios, lutas e entusiasmo, esforço que tem conseguido desenvolver e prestigiar o simpático clube.

A monografia é prefaciada pelo inspector dos desportos, Sr. Ayala Botto, que foi também escoteiro e dirigente do grupo n.º 3.

Felicitamos o Autor e fazemos os mais sinceros votos pelos novos êxitos do Clube que comemora em 25 do corrente o 36.º aniversário da sua fundação.

PROVAS DE 1.ª CLASSE

NATAÇÃO

POR EDUARDO BARBEIRO

(Continuação do número anterior)

Sincronização da respiração com a braçada: — Dado que já se explicou a sincronização de braços e pernas, apenas se relaciona a respiração com o movimento de braços.

Na primeira fase de braços, quando estes se afastam e o corpo desliza para a frente por efeito desse movimento, a cabeça levanta e a boca abre-se para inspirar profundamente. O professor velará por que o aluno não chupe a água—a boca deve ficar naturalmente aberta. Na segunda e terceira fases, a cabeça volta à posição normal e expira-se pelo nariz. De princípio, a expiração poderá ser feita pela boca, que é mais fácil. Deve-se expelir todo o ar dos pulmões o corpo não afunda em virtude da fase de braços seguintes. (Vide atrás).

Observação ao ensino da respiração: — O professor deverá, para ensinar a sincronização da respiração com os movimentos, proceder do seguinte modo: Ensinar separadamente a sincronização com as pernas, depois com os braços e a seguir com braços e pernas. Antes de ensinar a respiração com movimentos dos membros, ensina-se o aluno a respirar dentro de água:—agarrado à parede, com os pés no fundo e os ombros dentro de água, inspirar profundamente pela boca, depois fechar a boca, baixar a cabeça até mergulhá-la no líquido e expirar profundamente pela boca e pelo nariz, fazendo bolhas de ar e levantando ao mesmo tempo a cabeça suavemente, de modo que ao terminar a expiração a boca esteja de novo fora de água.

Este exercício de respiração deverá ser ensinado e feito muitas vezes, logo na primeira lição.

Sincronização com as pernas: — Uma vez que o aluno tolere bem a água no rosto, pode a sincronização ser ensinada (2.ª ou 3.ª lições).

Habitua-se o aluno a fazer o movimento de pernas com a cabeça bem mergulhada na água, expirando. Na paragem, antes do movimento seguinte, a cabeça levanta e inspira-se, depois baixa de novo e recomeça-se. Não se aplica aqui nem no que se segue, o que atrás se disse sobre a posição sempre erguida da cabeça, porque convém que o aluno se habitue ao elemento.

Sincronização com os braços: — Já atrás foi indicada. Se não se pretende mergulhar a cabeça, não se devem afastar muito os braços. O afastamento normal dos braços é de cerca de 45.º para cada lado.

Com este afastamento não é necessário mergulhar a cabeça para expirar, pois o corpo afunda um pouco, o suficiente para pôr o nariz abaixo da superfície, sem a água chegar aos olhos.

Com o afastamento indicado, obteve-se o maior rendimento que os braços poderiam dar para a progressão.

* * *

Depois de mecanizada a sincronização com os braços, pode passar-se à sincronização total. Nesta altura, o aluno estará no cinto, a fazer todos os movimentos necessários do estilo; depois de algum treino no cinto, poderá tentar nadar.

Sequência do ensino: — O ensino de bruços demora, normalmente, de 10 a 15 lições. Este lapso de tempo conta apenas como média, visto haverem numerosos factores influentes, como as condições do meio ambiente, apetrechos de ensino, idade do aprendiz, assiduidade, etc.

Esquema geral de ensino em 10 lições

Damos a seguir um esquema geral de ensino em 10 lições para servir como guia sumário e não como norma rígida, porque o ensino deverá adaptar-se às condições existentes.

1.ª *Lição* — Exercícios de respiração. Flutuações com tábua. Movimento de pernas por fases (no cinto).
N. B.—As flutuações são executadas com impulso dado na parede, deslizando o corpo com os braços estendidos à frente e o rosto voltado para baixo. Nas flutuações com tábua, as mãos apoiam-se numa tábua que se conserva sempre à superfície.

2.ª *Lição*—Exercícios de respiração com abertura dos olhos. Flutuações sem tábuas. Movimentos de pernas seguido. (no cinto).

3.ª *Lição*—Flutuações sem tábua, em expiração. Movimento de pernas seguido. Coordenação deste com a respiração (no cinto).

4.ª *Lição*—Movimento de pernas com respiração (no cinto). Flutuações em expiração sem tábua. Movimento de pernas com tábua (fora do cinto).

5.ª *Lição*—Movimento de braços por fases e seguido (no cinto). Exercícios de respiração.

6.ª *Lição* — Movimento de braços seguido com respiração. Exercício de abrir os olhos debaixo de água.

7.ª *Lição*—Idem.

8.ª *Lição*—Coordenação de braços e pernas, por fases e seguido. Flutuações sem tábua em expiração.

9.ª *Lição*—Coordenação braçada-respiração.

10.ª *Lição*—Idem. Exercícios de flutuação com braçada completa atendendo às posições da cabeça (nadar em suma).

11.ª *Lição*—Idem.

12.ª *Lição*—Idem.

Etc, etc.

Estilo «Crawl» de frente

Este estilo é consideràvelmente mais fácil de ensinar do que o de bruços. Nele não há paragens e a progressão é contínua, mas é necessária muito maior descontracção dos músculos dos braços e das pernas.

Posição inicial: — Pernas unidas e estendidas; pés em extensão no prolongamento da canela; pontas dos pés apontando para dentro, não exageradamente; calcanhares aflorando levemente à superfície da água.

À voz de «começar», as pernas descrevem um movimento alternado de sobe-e-desce, girando pelo quadril. O professor deverá tomar em atenção o movimento das pernas — muito susceptível de ser defeituoso. A perna, quando desce, flecte muito ligeiramente pelo joelho. Quando sobe, vem direita (atenção: — a tendência do aluno é para fazer o contrário). Os tornozelos devem estar o mais possível soltos para que o pé, abandonado, seja como uma ponta de chicote oscilando no extremo da perna remexendo uma massa considerável de água.

O calcanhar vem quebrar a superfície da água, fazendo espuma—de princípio poderá tolerar-se que todo o pé saia da água. A amplitude do «battement», isto é, o afastamento entre os pés tem um óptimo que varia de indivíduo para indivíduo, de acordo com o comprimento das pernas, força dos músculos, treino, etc.

De princípio, o professor velará por que os movimentos sejam contínuos e ritmados, e não espasmódicos — nada de sacudidelas.

Os movimentos de braços são também alternados.

Descrição do movimento de um braço:

Posição inicial: — À frente, direito, mão em frente do ombro; palma voltada para baixo.

À voz de «começar», o braço desce no plano vertical, e a mão enrija e faz força para puxar a água. O braço gira pelo ombro até se aproximar da face externa da coxa. Nesta altura, o antebraço é puxado para fora de água pelos músculos do ombro, ficando o cotovelo flectido e bem levantado, acima da superfície, de modo que a mão — agora já descontraída — saia da água. Seguidamente, os músculos do ombro levam o braço curvo à frente. À medida que vai à frente, o cotovelo endireita, de modo que a mão entre na água o mais à frente possível, diante do ombro.

O cotovelo é sempre a parte mais alta do braço, sendo a mão a mais baixa — na entrada na água à frente o cotovelo jamais deve entrar primeiro do que a mão.

O movimento do outro braço é análogo e alternado, de modo que, quando um deles esteja à frente, o outro esteja quase junto da coxa, visto o movimento fora da água ser mais rápido. Assim o braço que chega à frente tem uma ligeira paragem até o outro atingir a coxa.

Movimento da cabeça e respiração:

A respiração é unilateral, isto é, faz-se sempre para um só lado. Assim, temos, por exemplo, que ao meter a mão esquerda na água se vira a cabeça para o lado direito, ajudando com uma ligeira torsão do tronco. Logo que a boca fique fora de água, aspira-se, **pela boca**. Nesta altura, vai o braço direito a sair da água e vira-se a cabeça para baixo aspirando pelo nariz. Completa-se o movimento de braçada e, quando se vai novamente meter o braço esquerdo na água, faz-se nova inspiração e assim sucessivamente.

«Crawl» de costas

Este estilo é semelhante ao de «crawl» de frente, sobretudo no modo de bater as pernas (daí é que vem o nome de *crawl*).

A posição inicial é a de deitado de costas, face virada para o alto, cabeça levantada olhando para os pés. Exactamente a mesma posição de um indivíduo deitado dorsal com a cabeça erguida por um travesseiro baixo. À superfície da água devem aflorar os ouvidos.

(Continua na 6.ª página)

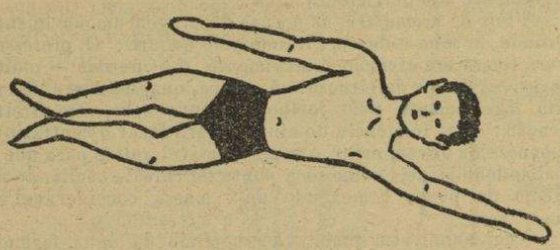
PROVAS DE 1.ª CLASSE

NATAÇÃO

(Continuação da 5.ª página)

Movimento de pernas: Semelhante ao do de frente. O «movimento de bicicleta» é um pouco mais acentuado, mas os joelhos nunca devem sair da água. Tudo se passa com se quisesse dar-se uma série de pontapés, debaixo para cima, na superfície da água. Esta deve ser apenas quebrada pela ponta dos pés sem que estes saiam fora de água. O professor velará por que as pontas dos pés estejam dirigidas para dentro, os tornozelos soltos e que o movimento tenha origem na anca e não se efectue só do joelho para baixo.

Movimento de braços: É também alternado e contínuo. Cada braço descreve um arco de círculo fora de água desde a coxa até atrás da cabeça, onde entra na água para descrever um arco de círculo, desde trás da cabeça até à coxa. O movimento dos braços, fora de água efectua-se com eles estendidos ou só muito ligeiramente curvos, entrando na água direitos mas sem estarem retesados. O braço deve entrar na água, não directamente atrás da cabeça, mas sim ligeiramente para o lado, numa posição natural, como na figura seguinte:



(Fig. vista de cima)

O movimento dentro de água faz-se pelo lado, quase paralelamente á superfície (há que ter o cuidado de não deixar a mão aflorá-la). O braço sai da água quando se aproxima da boca, *sem paragem*. Dentro de água a mão está colocada obliquamente como a pá de um remo (posição do rendimento máximo); fora dela, mantém-se descontraída.

Movimento de cabeça e respiração: A cabeça mantém-se sempre na posição indicada, não se movendo de um lado para outro. Dado que a face está sempre livre de água, é muito fácil a respiração, mas é bom hábito ritmicamente, como no *crawl* de frente. Inspirar quando o braço direito sai da água e expirar quando o esquerdo vai no ar, ou vice-versa.

Depois de o nadador conseguir percorrer cerca de 20 metros, em qualquer dos estilos, deverá começar todos os dias a tentar aumentar aquela distância sem todavia fazer grande esforço. Quando sobrevier um cansaço grande deverá parar. Procurar nadar sem precipitações, sempre com os movimentos bem coordenados e respirando bem.

Para se poderem nadar 1.000 metros com facilidade, é conveniente nadar todos os dias a maior distância possível. 15 dias a 1 mês bastarão para conseguir atingir um quilómetro.

* * *

A prática diária da natação fornece ao indivíduo tal facilidade em estar dentro de água que para flutuar na posição vertical bastam alguns ligeiros movimentos de braços e de pernas. Desta maneira torna-se extremamente fácil o despir-se dentro de água. Fazendo movimentos de pernas, como no bruços, pode tirar-se a roupa do tronco e inspirando fortemente e depois com a cabeça dentro de água, deixando flutuar o corpo, despir calças, calções, tirar sapatos, etc., inspirando de quando em vez para renovar o oxigénio nos pulmões.

Nadar 50 jardas vestido, requer um treino ligeiro que é fácil praticar. Para não fatigar muito, não se devem fazer movimentos bruscos e deve respirar-se sempre convenientemente.

Para nadar com as mãos dadas, as pernas é que dão toda a impulsão, devendo o nadador esforçar-se por respirar com perfeição e deixando o corpo deslizar ao fim de cada golpe de pernas.

Para mergulhar e apanhar um objecto deve inspirar-se fortemente e debaixo de água nadar de bruços sempre com os olhos abertos. Neste bruço submarino, os braços são puxados atrás por baixo e não pelos lados. Esta é a forma mais económica e mais rápida de nadar debaixo de água.

Conclusões finais

A questão fundamental para o êxito nos diversos exercícios de natação é o «à vontade» dentro de água. Para tanto a prática da natação deve ser diária ou quase. A *souplesse* é a maior arma do nadador, e só com ela se pode vencer qualquer distância com facilidade.

Para o desenvolvimento dos movimentos de pernas, é aconselhável, como já disse, a utilização de uma tábua sobre a qual se apoiam as mãos e depois executam-se os movimentos de pernas tanto de braços como de *crawl*.

A respiração desempenha o papel de maior relevo na aprendizagem, e, seja em que circunstâncias for e quaisquer que sejam as condições em que se nade, deve o nadador procurar sempre inspirar convenientemente.

Finalizando, voltamos a frisar que o iniciado na natação deve estar, durante a aprendizagem, debaixo da vigilância de alguém que corrija os movimentos, porque havendo tendência para errar esses movimentos, devido ao desconhecimento e dificuldade do meio, só com um observador poderá chegar a saber, de facto, nadar, o que uma vez conseguido nunca mais esquecerá.

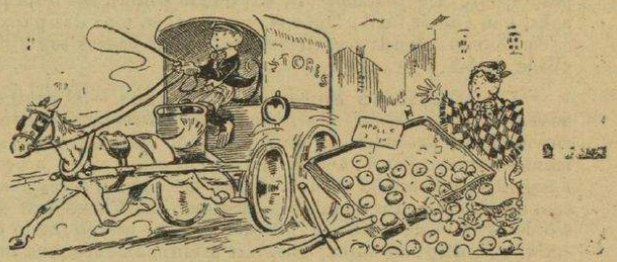
EDUARDO BARBEIRO

AVENTURAS DE FIFI

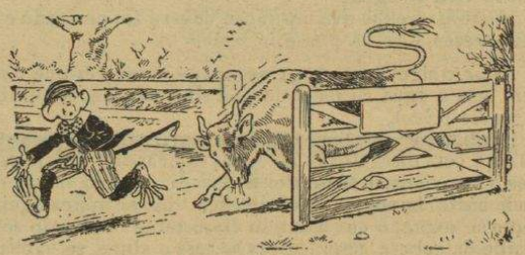
IV



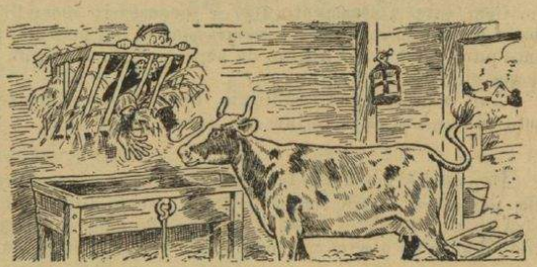
Fifi continua na mesma. Agora prega um susto ao pobre senhor. Mas o pior é que a brincadeira ia acabando mal, muito mal mesmo: o «tigre» ia levando um tiro. Livra!!!



Mas que desastrado cocheiro. A vendedeira tem de apanhar as maçãs. É possível que o Fifi, que no fundo tem bom coração, a ajude nesse trabalho. Aliás é o seu dever.



Mas que atrapalhação: depois de ter levado o cavalo à mangedoura, aparece este terrível visitante, com ares de poucos amigos. Fifi, pernas para que vos quero? só tem tempo de saltar a cancela, mas por pouca sorte, esta estava aberta...



A situação do nosso herói não é invejável, nada mesmo. Quem lhe acudirá. Mas foi um alívio ter podido subir para ali. Uff!

Acampamento Geral dos Grupos da Região Centro (Lisboa)

Os grupos de Lisboa acamparam na Paiã no sábado, dia 30 de Julho passado, reatando assim uma tradição que, infelizmente, se tinha interrompido inexplicàvelmente. Dirigiu o acampamento o escoteiro-chefe-geral adjunto sr. Tovar de Lemos. Estiveram presentes os grupos 1, 2, 5, 7, 9, 10, 15, 53, 79, 85, 93 (Sintra), 94, 99 e Pedro Álvares Cabral, num total de 150 escoteiros.

À noite houve fogo de conselho, no qual todos os grupos apresentaram canções.

No domingo, após o içar de bandeira, cada grupo deu execução ao seu próprio programa de campo, tendo-se realizado à tarde uma festa de campo, no qual se notabilizou o grupo 9 com uma dança regional, canções e imitações. O Chefe Tovar de Lemos fez uma palestra aos escoteiros.

Os grupos evangélicos tiveram de manhã o culto divino, dirigido pelo sr. António Rodrigues, tendo o sermão focado o sacrifício de Jesus no Calvário.

Ao fim da tarde, os grupos regressaram às suas sedes, verificando-se que todos os escoteiros se encontravam satisfeitos por esta oportunidade de acamparem em companhia dos outros grupos de Lisboa.

* * *

Não podemos deixar de registar aqui o nosso desapontamento pela decadência escotista de certos chefes de grupos, que provocaram incidentes lamentáveis. Pergunta-se: se tais elementos procedem assim num acampamento de conjunto, o que serão os acampamentos dos seus grupos? Embora nos custe fazer este reparo, não podemos esquecer que o campismo ou é bom ou é péssimo, e não é a primeira vez que a esta Redacção chegam queixas de pessoas que têm presenciado atitudes semelhantes.

É sobretudo grave o sentimento de decepção dos escoteiros pertencentes a grupos onde o escotismo é seguido dentro de normas que não admitem que se corra sequer o risco de semelhantes incidentes. A que distância estamos do verdadeiro padrão escoteiro!

• • o • •

IMPRENSA

«CORREIO DA MANHÃ»

Este importante diário do Rio de Janeiro voltou a repetir em 21 de Abril p. p., por ocasião da Semana do Escoteiro da União dos Escoteiros do Brasil, o seu simpático gesto de publicar um «Suplemento Especial da Vida Escoteira». São 20 páginas contendo colaboração de notáveis figuras do escotismo brasileiro, onde são versados temas de muito interesse não só para os Escoteiros como para o público.

Foi ainda sob o patrocínio deste prestigioso órgão de imprensa que se realizou no dia 23 de Abril, no campo de S. Cristóvão, um grande fogo de Conselho do dia Escoteiro.

Felicitamos a Direcção do «Correio da Manhã» pelo seu óptimo empreendimento e pelo patrocínio dispensado ao escotismo na Nação Irmã.

«O ESCOTEIRO»

Os Serviços de Cultura e Informação da A. E. P. publicaram um segundo número da revista «O Escoteiro», respeitante ao Dia do Escoteiro», número que se apresenta com muito bom aspecto gráfico e muito ilustrado. Agradecemos os exemplares que nos foram oferecidos e felicitamos aqueles Serviços pelo seu empreendimento.

«O EXEMPLO»

Esta simpática revista, órgão oficial da Mocidade Cristã Congregacional do Brasil, que regularmente nos visita, comemorou recentemente o seu 9.º aniversário. Saudamo-la, por esse motivo, com votos de prosperidades.

O Escotismo no Brasil

Os dirigentes do Escotismo Brasileiro têm vindo realizando um trabalho de organização e desenvolvimento da União dos Escoteiros do Brasil, feito em moldes que se notabilizam pelo seu cunho escotista. O trabalho foi iniciado com a unificação do Escotismo, empreendimento difícil para o qual foi necessário muito sacrifício, prudência e tenacidade, já que foi necessário vencer dificuldades consequentes de situações criadas pela existência de diversas associações regionais perfeitamente autónomas. Hoje, porém, os frutos da unificação estão à vista, tendo o Escotismo Brasileiro conquistado maior prestígio.

Outro empreendimento, já realizado com felicidade, foi a incorporação dos grupos de escoteiros católicos e a organização dos serviços de assistência religiosa.

Agora, a U. E. B., com um elevado sentido do espírito escoteiro, está dando outro passo, procurando estender mais o Movimento às Igrejas Evangélicas. Por indicação do Departamento da Mocidade Evangélica do Brasil, foi nomeado Assistente Geral Religioso dos Escoteiros Evangélicos o Dr. Jócio Caldeira de Andrade, que orientará a organização de novos grupos. A U. E. B. vai realizar um curso de guias para preparar dirigentes para as novas patrulhas e serão organizados grupos evangélicos nas cidades do interior.

Certamente que outras iniciativas se seguirão neste bem orientado programa de difusão do Escotismo, que merece o nosso interesse e apreço.

• • o • •

Dos amigos do "Sempre Pronto"

Nascimento—Encontra-se de parabéns o nosso bom amigo sr. Júlio Maria Reis, chefe de divisão do grupo n.º 94, pelo nascimento em Julho passado da sua primeira filha, pelo que lhe apresentamos e a sua Esposa as nossas felicitações e desejos de muitas venturas para a pequenina.

De Viagem—Em 3 do corrente, partiu para Francfort, Alemanha, o sr. Paulo Maurício, nosso amigo e assinante, maestro do Orfeão Evangélico de Lisboa, que vai ali frequentar um curso de especialização de música coral sacra.

Desejamos-lhe os melhores resultados desta sua viagem.

De Luto—Pelo falecimento de sua irmã, sr.ª D. Maria de Lurdes Galvão Teles da Silva Pereira, ocorrido em 30 de Julho passado, encontra-se de luto o nosso estimado assinante sr. prof. Galvão Teles, antigo dirigente escoteiro, a quem apresentamos condolências muito sentidas.

• • o • •

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

Cantinho dos mais novos

O QUE É GUIDISMO

No dia 22 de Fevereiro de 1857, nada de extraordinário aconteceu a não ser o nascimento de um bebé do sexo masculino a quem foi posto o nome de Robert. Seu pai era reverendo e chamava-se H. G. Baden Powell, professor em Oxford, sua mãe era filha do almirante inglês W. T. Smyth.

Findos três anos, o pai de Robert Stephesen Smyth Baden-Powell faleceu, ficando órfão junto com mais sete irmãos. Estudou e completou o seu curso com dezanove anos de idade. Com vinte e seis anos era capitão. Foi subindo sempre e no ano de 1889 era coronel. É elevado ao posto de major-general. Foi vencendo à custa de muito trabalho e luta. Em 1901, regressa da Africa do Sul à Inglaterra coberto de glórias e honras e viu que era bastante popular, bem como o seu livro «Aids to Scouting» destinado ao exército. Baden-Powell tinha uma óptima ocasião para ajudar os rapazes da sua pátria e transformá-los em jovens fortes. Se um livro destinado aos homens havia sido aceite pelos rapazes com tanto entusiasmo, quanto mais os atraíria um livro escrito só para eles. Não pensando nas horas de trabalho que teria, B.-P. tomou mão das aventuras que tinha passado em Africa e na Índia e, depois de ter reunido livros especiais de educação de rapazes, começou a escrever, alimentando sempre a ideia do escotismo.

Para se certificar se a sua ideia seria aceite e daria bom resultado, reune-se com um grupo de rapazes, realizando assim o primeiro acampamento escotista, o qual obteve um grande êxito. No primeiro jambori mundial B.-P. foi proclamado «Escoteiro-Chefe Mundial» por uma multidão de rapazes. Depois deste jambori muitos outros se seguiram.

Quando chegou aos oitenta anos, voltou para Africa em companhia de sua esposa, Lady Baden-Powell, chefe das guias, obra criada por B.-P. A oito de Janeiro de 1941 faleceu, mas a sua obra continuou cada vez com mais ardor e coragem.

O fim do Guidismo como diz B.-P. num dos seus livros, é formar mulheres de carácter, mulheres de honra actuando com lealdade e por amor ao dever. Mulheres de iniciativa sempre prontas a servir e a auxiliar o próximo, mulheres de trabalho e acção, sorridentes e boas. A Guia tem a sua promessa e a sua lei que procura cumprir todos os momentos da sua vida.

O emblema das guias no mundo inteiro é uma folha de trevo, cujas três folhas recordam os três artigos da promessa da guia, sendo geralmente na cor verde, pois é a esperança de que o guidismo seja conhecido em todo o mundo e possa dar às nações mulheres fortes e saudáveis, para que estas por sua vez dêem às suas pátrias tão amadas bons filhos e bons cidadãos.

EUNICE SOARES

• • o • •

NOVIDADE LITERÁRIA

ACABÁ DE CHEGAR

PROVAS DE CLASSE

2.ª CLASSE

pelo Coronel Léo Borges Fortes

da Comissão Interamericana de Escotismo

Um livro que interessa a todos os Escoteiros com 104 páginas e muitas gravuras.

Preço : 8$00

Pedidos à Redacção do «Sempre Pronto».

Aos Escoteiros de Portugal

Amanhecia fresco e com ar de garoa (1), o 27 de Julho de 1954. Estava em festa São Paulo, e com essa grande cidade, muitos corações e nem todos brasileiros. Os paulistas sentiam-se orgulhosos, pois uma grande parte do mundo rendia homenagem à cidade pelos seus quatrocentos anos. Vinham até São Paulo delegados argentinos, chilenos, paraguaios, bolivianos, venezuelanos, cubanos, japoneses, portugueses, etc., todos irmanados pelo mesmo ideal, alegres e joviais diziam a São Paulo «*Os escoteiros apresentam-te parabéns pelos teus quatrocentos anos*». Os portugueses diziam: «*Vem junto a ti acampar, perto de ti vem morar, do mundo a sã mocidade*». Como recordo com saudade esse grande acampamento. Era chefe de campo. As patrulhas dirigiam-se aos subcampos indicados e as designadas ao segundo subcampo, chegavam até mim, fazendo a sua última apresentação. Como era divertido! Estava eu ali, como que dono da casa, para receber as visitas. Dos que vinham, uns, seguindo talvez o ritual do seu Estado ou País, perfilavam com tal cerimonial, que mais parecia estarem na frente dum general; outros, com mais à-vontade ou mais técnica escotista, faziam as suas saudações simples, e depois de designado o local onde deviam acampar, ficavam entregues às suas tarefas na execução do programa.

Caía manso o princípio da tarde, eram umas catorze horas, e eis que aparece um caminhão com rapazes e material. Eram os portugueses: em número de catorze, que de antemão já sabiam quais os seus subcampos e respectivos chefes. Depois de apresentados ao chefe de campo, sete deles os «galos», dirigiram-se ao I subcampo, ficando sobre as ordens do velho amigo Chefe Léo Borges; outros sete, os «cães», iam-se aproximando do II subcampo, alegres e cheios de entusiasmo, mostrando no seu rosto a confiança que depositavam em tudo e em todos, sorrindo com aquele à-vontade próprio do Escoteiro, perante o chefe que não é mais que um irmão mais velho, todos com as mesmas palavras, entrando como quem entra nos seus próprios domínios. «*Boa tarde, Chefe! onde é o nosso campo, é este mesmo?*»

—É—afirmava eu, depois de ter correspondido ao seu «*Boa tarde Chefe*». Estava feita a sua apresentação. Dispensando sentidos e continências, naquele «*Boa tarde, Chefe!*», tão espontâneo e tão natural, tinha um não sei quê de superior a tudo o que se tinha passado de cerimonial com os outros.

«*Boa tarde...*» foi para mim um cumprimento tão especial que jamais poderei esquecer: era vindo de Portugal e trazido por portugueses.

Começava aqui o A. I. P., que comentar seria repetir o que já é do conhecimento de todos há um ano passado. Basta lembrar que o Chefe Albano da Silva ia para passar dois dias no campo e só de lá saiu no final, para sentir saudades de tudo e lembrar os dias de 27 de Julho a 3 de Agosto de 1954.

Na despedida, foi cantada a tradicional canção, e todos afirmaram «*não é mais que um até logo*» e já se passa um ano.

Recordando, para matar saudades, as horas passadas com os rapazes da A. E. P. há um ano, em São Paulo, Brasil, envio ao «Sempre Pronto» estas linhas.

Actualmente encontro-me na América do Norte, residindo em Newark; para qualquer pessoa eis o meu endereço: 54 Monroe St. Newark, 5—N. J.—U. S. A.

«Sempre Alerta para Servir».

HENRIQUE BARROQUEIRO

Newark, 27 de Julho de 1955

(1) Cacimba.

Folhetim do "SEMPRE PRONTO" N.º 16

UMA AVENTURA NA RÚSSIA

POR MARIA E. ROPES • Trad. de *J. S. CANUTO*

Em casa, finalmente!

«Assim —continuou Estêvão— tendo andado em tempos por aqui em serviço da fábrica, lembrei-me da choça de teu pai, Sónia, e não quis deixar de vir até cá pensando que poderia dar-se o caso de te encontrar, e além disso desejava também perguntar-te se deste fé de dois rapazinhos que partiram dum lugar que fica a mais de dez milhas daqui, dirigindo-se para casa de seus pais. Estou com imenso cuidado neles, porque encontrei hoje no caminho para aqui os restos dum homem que foi devorado pelos lobos. Tinha caído uma nova camada de neve, de modo que pouco estava a descoberto, mas fiquei desassossegadíssimo. Eu não julgava que andassem por estes sítios lobos em grandes quantidades; provàvelmente o que os trouxe foi este rigoroso inverno, que tão cedo começou.

—Visto estares tão ansioso, irmão, vem ver quem aqui está— disse Sónia, apontando para o ponto mais afastado da sala, onde, sobre um monte de palha, se estiravam Sharik e os dois rapazes; que haviam feito travesseiro do lombo dele, todos dormindo a sono solto.

—Deus seja louvado por todas as suas misericórdias!—exclamou Estêvão, descobrindo-se.—Isto é para uma pessoa ficar deveras contente!

A esse tempo o som daquelas vozes, em que havia tanta ansiedade, havia penetrado até mesmo no mundo dos sonhos, e os rapazes assentaram-se, pondo-se a esfregar os olhos.

—Estava sonhando com Estêvão—disse Eduardo, ainda meio adormecido.

—E eu também—disse Alfredo, e logo em seguida, levantando os olhos, exclamou:—E ele está aqui!

Ambos, então, chorando e rindo ao mesmo tempo, lançaram os braços ao pescoço do seu amigo, e ao longo das suas faces correram lágrimas de júbilo e gratidão, ao mesmo tempo que ele os estreitava a si com força.

Sónia foi depois preparar chá para os viajantes, e o cavalo que estava atrelado ao trenó foi tapado com uma manta, e deixaram-no muito contente com uma alcofa cheia de cevada, ao passo que Sharik era também alimentado e acariciado, com grande regozijo da sua parte. Meia hora depois, Estêvão e os rapazes regressavam a casa no trenó, trotando o garrano alegremente atrás, e rinchando de quando em quando para o seu companheiro que ia entre os varais.

Já tinha escurecido de todo quando o trenó parou no interior do espaçoso pátio que havia à entrada da casa. Na fábrica trabalhava-se, ao que parecia, com toda a actividade, vendo-se os fornos acesos e a luz eléctrica iluminando todas as dependências.

—Guia para o pátio da cocheira, Estêvão—disse Alfredo,— enquanto nós entramos para ver se se nos depara alguém.

Assim dizendo, os rapazes transpuseram o enorme portão e acharam-se no vestíbulo, onde havia uma temperatura muito agradável. As portas do escritório estavam fechadas, porque era sábado, e os empregados tinham-se retirado.

—Não está ninguém aqui—disse Alfredo—vamos lá acima ver se encontramos a mamã.

Subiram, pois, a escada, parando no primeiro patamar, junto da porta do quarto de seus pais, que estava aberta. E, ao pararem, ouviram a voz da aia, o que os impeliu a escutar.

—Querida Barina—dizia ela,—não admira que esta incerteza te faça estar doente, mas não desesperes, peço-te. Tenho aqui uma coisa a dizer-me no coração que os queridos meninos estão livres de perigo, e que as nossas orações hão-de ser atendidas.

—O teu patrão anda em procura deles, Niánia—disse a sr.ª Oliver, em voz triste e fraca,—mas até agora...

Nesse momento os rapazes saíram de trás do biombo que havia junto da porta, e mãe e filhos encontraram-se reunidos.

E agora o que resta a contar pode ser contado em poucas palavras. Tomás Oliver recolheu tarde nessa noite, e ao chegar ao lar doméstico viu diante de si os filhos, sãos e salvos.

Que o arrependimento de Estêvão e a sua dedicação pelas crianças o reintegraram no lugar que ocupava na fábrica; que, passados alguns dias, Panfílio foi igualmente readmitido, tornando-se um homem perseverante e em quem se podia depositar toda a confiança, e que Antão Greboff, devido à pancada que apanhou na cabeça, enlouqueceu, acabando os seus dias num manicómio; são coisas que não necessitam de minuciosamente referidas. As provações e perigos por que haviam passado fizeram com que Alfredo e Eduardo formassem os seus caracteres e fortalecessem a sua fé em Deus.

E mais tarde, quando foram estudar para Inglaterra, lembraram-se constantemente da sua aventura na Rússia, tinham sempre presente o facto de que estiveram prestes a perder a vida no país dos czares.

FIM